

## **APROXIMAR SEM REDUZIR: AS DERIVAS E A PESQUISA DE CAMPO EM GEOGRAFIA URBANA**

Flávia Elaine da Silva \*

### **RESUMO:**

Este artigo busca aproximar o corpo teórico e prático dos situacionistas das pesquisas de campo em geografia. Esta aproximação se dará especialmente entre a prática espacial experimentada por este grupo, chamada de deriva, e a geografia urbana, sem deixar de lado o fato de que este debate, sobre a importância das pesquisas de campo para a constituição do pensamento geográfico, está presente na geografia como um todo e também fora dela.

### **PALAVRAS-CHAVE:**

Deriva, situacionista, urbano, geografia.

### **ABSTRACT:**

This article seeks to take the situationists's theoretical and practical work closer to the geography field researches. This approach will focus mainly on the situationists's special practice, named deriva, and the Urban Geography, without neglecting that this debate, about the importance of field researches to the constitution of the geographic thinking, is present in Geography as a whole as well outside it.

### **KEY WORDS:**

Deriva, situacionist, urban, geography.

### **I- Primeiros apontamentos**

Estando este texto inserido em uma secção da GEOUSP destinada às notas de pesquisa de campo, faz-se necessária uma prévia reflexão sobre o tema, pois antes mesmo de discutirmos a especificidade que pode ter, e certamente tem, uma pesquisa de campo em geografia urbana, é necessário falarmos da pesquisa de campo como um momento de uma pesquisa maior, científica.

Isso quer dizer que antecede, em importância, o fato de que uma pesquisa de campo constitui o processo de pesquisa como um todo e, para muitos geógrafos, isso é fundamento.

Antes de uma pesquisa ser definida no âmbito da geografia urbana, ela deve ser discutida no âmbito do conhecimento geográfico como um todo.

Sabemos ainda que a pesquisa de campo não é exclusividade da geografia, e nesse sentido ela também deve ser discutida no âmbito das ciências humanas. Nós não chegaremos numa abordagem tão ampla, que não é simples, nem nova, mas não ignoramos a sua necessidade.

Na geografia, muitos geógrafos abordaram a problemática e, na medida do possível, eles nos acompanharão neste artigo.

---

\* Aluna do programa de Pós-graduação em Geografia Humana do Departamento de Geografia, FFLCH-USP. E-mail:

Bom, mas o que há de tão difícil no tema? Por que merece uma introdução com tantos rodeios?

Inicialmente, as diferentes maneiras com que as pesquisas de campo participam de uma pesquisa científica acompanham a transformação do pensamento da própria geografia. Neste sentido é bom lembrar que o pensamento geográfico muito se aproximou do poder e da guerra, e em parte se aproximou da sociedade com objetivos de transformá-la, de *revolucioná-la*, melhor dizendo. Estes movimentos do pensamento geográfico muitas vezes estiveram associados ao movimento mais geral, da universidade, e, às vezes, estiveram em descompasso com este.

Sobre a aproximação do geógrafo com a sociedade, com os movimentos oriundos da sociedade, e o papel da pesquisa de campo em um movimento como esse, é bom resgatarmos, por exemplo, a perspectiva do materialismo dialético discutida por meio de Bernard Kaiser, lembrando que esta perspectiva pode ser discutida nas ciências humanas como um todo. A nossa tentativa aqui é de contribuir minimamente com esta discussão, agora dentro da geografia urbana, por meio de um debate sobre as pesquisas de campo.

Retornemos então à dificuldade primeira que é entender como, teórica e praticamente, a pesquisa de campo entra em nossas reflexões. Vamos *crus* ao *campo*, como uma folha em branco? Temos *petições de princípio* antes de irmos ao *campo*?

Se a perspectiva que temos é materialista e dialética, a resposta é negativa para as duas perguntas, sendo que um pouco de cada um destes procedimentos está presente na nossa resposta.

Pensando na geografia urbana, quando lidamos com a urbanização, lidamos com um processo cuja teoria crítica vem se constituindo há tempos. Quando iniciamos nossas pesquisas nos bairros, nos municípios, comunidades, etc., nós não saímos do zero, existe já uma problemática sendo pensada teoricamente. O *contato com a realidade* não faz brotar nenhuma

teoria, especialmente porque o tempo de cada uma dessas coisas é bem diferente.

Muito menos nós vamos ao campo *confirmar* nossas hipóteses. Se esse é o objetivo do nosso campo, existem grandes chances de que *enquadremos* todo e qualquer acontecimento (como conceito e não como palavra), de modo que ele somente reforce o que já pensamos.

Estes procedimentos, anteriormente apresentados, constituíram momentos diferentes, historicamente, na geografia. Constituíram escolas de pensamento. Assim, um pouco de cada um deles está presente no que fazemos, e são importantes na composição de nossas pesquisas, mas não definem o todo.

Para Yves Lacoste, "o trabalho de campo, para não ser somente um empirismo, deve articular-se à formação teórica que é, ela também, indispensável. Saber pensar o espaço não é colocar somente os problemas no quadro local: é também articulá-los, eficazmente, aos fenômenos que se desenvolvem sobre extensões muito mais amplas" (LACOSTE, 1985, p.20).

Bom, mas não é exatamente com Lacoste que vamos trilhar este nosso caminho. O que pensamos teoricamente nos instiga, nos faz questionar sobre pontos desconhecidos, brechas. Nossas pesquisas nas ruas, na cidade, nas entrevistas formais e informais com as pessoas, nos faz verificar concretamente alguns pontos da teoria que nos orienta, mas também nos põe a duvidar de outros pontos da teoria, nos aponta a insuficiência da teoria, nos faz querer avançar no caminho da interpretação, no sentido de preencher lacunas, redefinir os conceitos.

O movimento entre teoria e prática envolve uma *militância* do pesquisador, mas não só no que diz respeito ao engajamento em movimentos sociais, e sim no que diz respeito ao rompimento com escolas de pensamento que se tornam insuficientes para o pensamento crítico da disciplina e da sociedade. Buscar novas matizes (e não matrizes) para nossas interpretações, nos aproximar de outras

disciplinas é uma atividade que acaba por se tornar um embate entre pesquisadores, no cotidiano das pesquisas geográficas.

Uma outra abordagem para a teoria e a prática, agora nos aproximando da geografia urbana, diz respeito a uma teoria social do espaço e uma prática espacial. Rápido demais chegamos ao espaço. Essa passagem merece maior cuidado. O trabalho de campo não existe em si, muito menos o espaço. A geografia trilha um caminho particular pelo espaço para compreender as relações sociais e as configurações espaciais destas relações. O espaço não é sujeito, também não é inerte. É produzido pela sociedade e é momento ativo. Sobre estas duas abordagens temos Henri Lefebvre e David Harvey para nos ajudar a entender, mas os meandros desta relação entre o espaço e a sociedade podem, em muito, ser aprofundados nas pesquisas de campo. Ainda que tenhamos teorias gerais sobre a urbanização, o estudo das particularidades nos remete ao todo, dando novas cores e contrastes para este. O todo por sua vez nos faz relativizar as grandes descobertas nas pesquisas de campo.

## II - Teoria e prática espacial

Sobre como fazer uma pesquisa de campo, também já sabemos que as receitas não servem, são limitantes. Vamos falar neste texto sobre exercícios de pesquisa de campo que vêm sendo feitos dentro de uma abordagem teórica, sem tentarmos elaborar modelos. São exercícios que se mostram eficientes e que também apresentam lacunas. Estão sendo realizados e, embora existam indícios, não há confirmação da potência da prática que será apresentada aqui. Além disso, é prática de pesquisa presente em muitos geógrafos e não geógrafos. Os primeiros, na medida do possível e no limite dos nossos conhecimentos, estarão aqui presentes.

A prática espacial que abordaremos em seguida se chama Deriva e foi constituída por um grupo denominado Situacionistas. Este não é um grupo de geógrafos, mas de artistas, escritores, arquitetos, intelectuais, em geral.

Temos duas observações a fazer quando aproximamos os Situacionistas da geografia. A primeira diz respeito às reflexões teóricas elaboradas por este grupo, que chegam ao espaço mas não o tomam em si. Têm afinidades com os debates geográficos, mas nunca se limitaram a esta disciplina. A segunda observação quer ressaltar a proximidade das práticas escolhidas pelos situacionistas com os trabalhos de campo realizados por geógrafos.

Vejam os a seguir um trecho do texto de Bernard Kaiser sobre o procedimento de um pesquisador quando este chega ao terreno (palavra grifada pelo próprio autor):

"(...), ele deve passear longamente, tranqüilamente; que se impregne da atmosfera social; que procure o que realmente preocupa e distinga nas conversações banais os sinais das tensões profundas. E sobretudo, que ele se ponha a compreender a história. (...)" (KAYSER, 1985, p.33)

Outro geógrafo, cujo acesso à obra só foi possível pelo comentário de Jean Bernard Racine em Hérodote, nº 4, e que se chama William Bunge, parece ter realizado procedimentos próximos às derivas, denominados *expedições*. Para Bunge, "não significa simplesmente que a geografia se aprende pelos pés, mais do que pelo computador, mas que a geografia, que se apoiou sobre todas as fontes da formalização matemática e do tratamento informático, consente em mergulhar completamente *no comum* (...)" (BUNGE, 1976, p.87)

Os Situacionistas apresentam a deriva assim: "Passar ativamente por diversos ambientes urbanos. Não se resume em contemplação, e pressupõe conhecimentos aprofundados sobre os lugares das derivas, projetos, plantas, cartas. Não lida com o aleatório simplesmente, mas é uma atividade impulsionada e sensibilizada pelos movimentos do terreno que, ao mesmo tempo, reconhece intenções e projetos"

"O conceito da deriva está indissoluvelmente ligado ao conhecimento dos efeitos de natureza psicogeográfica<sup>1</sup>, e à afirmação de um comportamento lúdico-construtivo, o que o opõe em todos os pontos às noções clássicas de viagem e de passeio" (DEBORD, 2003, p.89)

Bom, estes trechos apresentam, de certa forma, uma aproximação dos procedimentos de geógrafos e não geógrafos na hora de investigarem os lugares que pesquisam. A idéia da imersão e envolvimento com o ambiente que está sendo estudado aparece nestes autores. O "comum", *banal*, aparece sutilmente nos geógrafos, enquanto nos situacionistas vira plano mesmo de pesquisa, por meio da vida cotidiana. Mais tarde falaremos mais sobre este plano, agora o que nos interessa é ressaltar que, assim como, para os geógrafos o comum é reconhecido apenas como campo de análise, nos Situacionistas é meio para atividade, no sentido da revolução. Para tanto, o cotidiano não pode ser só fonte informação, e sim campo de batalha.

Uma outra diferença importante é a noção de passeio, abordada por um dos geógrafos e evitada pelos situacionistas. A contemplação é um dos principais elementos criticados por eles. Esta "crítica da natureza contemplativa da sociedade capitalista" é resultado da aproximação dos Situacionistas, em especial de Guy Debord, de quem já já falaremos, com Lukács. Um dos fundamentos desta crítica está no embate que este autor trava com a idéia de separação entre sujeito e objeto. Somente uma longa discussão poderia guardar a complexidade desta questão e esse não é o objetivo aqui. De qualquer forma, parece que temos aqui uma diferença entre os Situacionistas e estes geógrafos. Acreditamos então que, quando aproximamos os dois tipos de pesquisadores, ganhamos potência teórica e prática para aprofundar algumas questões na geografia urbana.

Fizemos um percurso torto aqui: primeiramente, apresentamos o debate, e

somente agora vamos apresentar os situacionistas.

### III - Sobre os Situacionistas

Esta breve apresentação consiste em dizer que o grupo dos Situacionistas foi um grupo que se transformou muito e possuiu diversas composições ao longo de sua existência, se é que podemos usar essa palavra. Uma das formas mais comuns de mudança dos componentes do grupo era a própria expulsão. Muitos foram os expulsos do grupo.

Essa constante reformulação dos grupos é muito cheia de detalhes e pouco estudada. Também não existem documentos fartos para pesquisa aqui no Brasil, tais como revistas ou catálogos das exposições, etc. De qualquer maneira alguns pontos que interessam neste artigo serão abordados aqui. A origem do movimento está entre os surrealistas. Um eixo dissidente das abordagens de André Breton e de Paris foi o que criou o Grupo revolucionário surrealista<sup>2</sup> Dotremont é um nome fundamental neste grupo, e teve apoio do pintor dinamarquês Asger Jorn. Os dois foram apresentados a Constant, que fundou o grupo holandês Reflex. Constant também participou da formação do COBRA, "que chegou a ter mais ou menos 50 pintores, poetas, arquitetos, etnólogos e teóricos, de dez países diferentes".(HOME, 1999, p.49)

Um dos maiores projetos do movimento foi a criação de um novo ambiente urbano, que se manifestasse em oposição à arquitetura racional de Le Corbusier. Após a dissolução do Cobra, temos o movimento Letrista. A ampliação deste movimento inclui a presença de Guy Debord no grupo, dentre outros, e uma futura dissidência, agora com Michele Berenstein, cria a Internacional Letrista.

Asger Jorn, após a dissolução do COBRA "cria" o Movimento Internacional para uma Bauhaus Imaginista. Em 1956, o MIBI organizou em Alba, na Itália, uma reunião de diversos grupos que vinham trabalhando os mesmos temas e no ano seguinte Guy Debord funda,

com a participação de membros destes grupos, a Internacional Situacionista.

O que nos faz perseguir os rastros deixados pelos situacionistas, entretanto, não está somente ligado a uma recomposição histórica. O que nos interessa mesmo, ao fazer este percurso, é enfatizar que existe um debate constante acontecendo nestes grupos, apenas palidamente exposto aqui, mas que nos interessa. Primeiro porque a crítica feita por estes artistas e intelectuais nunca se limitou às artes ou ao urbanismo. Segundo porque, de uma certa forma, todas as dissidências apresentadas aqui, de grupos formados a partir de outros grupos, caminhavam em direção a uma maior aproximação da sociedade, das questões que envolviam a sociedade como um todo. Assim, os Situacionistas acabaram por desenvolver sua crítica ao urbanismo, às artes, não como especialidade, mas como um dos caminhos para crítica da sociedade, e de sua transformação. Em determinado momento, e muito por contato com Henri Lefebvre, estes autores chegam também à crítica da vida cotidiana, ponto que discutiremos um pouco mais para frente.

“A construção de situações é um conceito chave para os jovens lettristas e depois para os situacionistas. Estas situações, para eles, não deveriam ser realizadas através da afirmação de dogmas mas através da pesquisa e da experi-mentação. Debord escreve sobre a construção de situações desde seus primeiros estudos, mas enquanto faz parte da IL esta construção está mais relacionada com a superação da arte, que vai se transformando em uma pesquisa dos modos de vida. A revista da Internacional Lettrista, POTLATCH, conclama a unidade da vida com a arte, não para rebaixar a arte ao estado da vida atual, mas para elevar a vida ao que é prometido pela arte. (...). Compreende-se o interesse da IL pela urbanização a partir desta análise de que a arte está na vida e a vida se realiza temporalmente e espacialmente.”

Apoiados então na psicogeografia, o grupo realizava as derivas, numa tentativa de identificar zonas diversas da cidade, especialmente com relação ao impacto psicológico que diferentes lugares poderiam criar nas pessoas.

Um dos momentos importantes para compreender o corpo prático teórico que estes autores estavam constituindo diz respeito aos estudos urbanos, realizados por meio de práticas espaciais que estes autores vinham abordando por meio das suas “experiências”.

Em *Introdução a uma crítica da geografia urbana*, texto publicado por Debord nos *Lèvres Nues* nº 6, em 1955, o mesmo reclama uma pesquisa de um novo modo de vida. Já sabemos que a crítica destes autores chega na vida cotidiana combatendo muitas vezes uma idéia de felicidade baseada no consumo e na organização com base na passividade. Neste texto Debord apresenta o termo Psicogeografia como uma espécie de pesquisa, em uma perspectiva materialista, do condicionamento da vida e do pensamento pela natureza objetiva. Essa influência do meio (urbano) sobre o comportamento (afetivo) dos homens deve ser pesquisada em detalhes para criar situações de transformação, de pequena duração muitas vezes. Estuda leis e efeitos mas não quer criar leis gerais a serem impostas à sociedade.

Um outro texto, na verdade um relatório psicogeográfico feito por Abdelhafid Khatib em 58, apresenta que “os recursos da psicogeografia são numerosos e variados. O primeiro e mais sólido é a deriva experimental. A deriva é um modo de comportamento experimental numa sociedade urbana. Além de modo de ação, é um meio de conhecimento, (...). Os outros meios, como a leitura de mapas, o estudo de estatísticas, de gráficos ou de resultados de pesquisas sociológicas, são teóricos e não possuem este lado ativo e direto que pertence à deriva experimental. No entanto é graças a eles que podemos ter uma primeira representação do meio a estudar. E o resultado deste estudo pode, em retorno, modificar essas representações cartográficas e intelectuais no

sentido de uma maior complexidade, de um enriquecimento".(KHATIB, 1958, p.80)

Nos parece que esta abordagem da pesquisa de campo como um momento enriquecedor de mapas e tabelas está presente nos geógrafos também. Tricart diz que o geógrafo precisa "saber estudar os objetos que lhe interessam nas representações que deles são feitas: cartas, fotos aéreas, imagens de sensores remotos. Mesmo assim, o confronto com o campo é rigorosamente necessário, por um lado para identificar os objetos, e por outro, para avaliar precisamente os tipos de informação que podem ser extraídos dessas representações" (TRICART, 1980, p.116).

Queremos ressaltar a diferença, entretanto, de uma postura que apenas corrige dados para uma que quer compreender o motivo pelo qual os dados da realidade somem em um processo de abstração e representação. Caminhar com os Situacionistas significa não perder uma perspectiva de compreensão maior do que se apreende nas pesquisas de campo urbanas, tendo em vista a crítica e a transformação da sociedade.

Sabemos que esta apresentação dos Situacionistas é insuficiente para abordar o conjunto de teoria e prática que o grupo desenvolveu em muitos anos e que ainda está presente e em transformação por meio de diversos autores. Assim, já que esta tarefa inglória de resumir o pensamento destes autores não os aproxima de fato dos leitores, vamos apresentar o que significa uma tentativa de aproximação mais viva, por assim dizer, destes autores, feita por meio da prática espacial:

#### **IV - O Registro de uma Deriva**

O estudo que será apresentado agora é uma espécie de relatório psicogeográfico, com todas as ressalvas já feitas aqui sobre este termo, elaborado a partir da realização de derivas, que começaram sendo feitas em um bairro industrial denominado Jaguaré, projetado por um urbanista chamado Henrique Dumont Villares, e, rapidamente, conduziram à

necessidade de se compreender a existência da favela existente neste bairro.

Apresentaremos somente o texto referente às derivas pela favela, mas queremos ressaltar que ele é parte integrante de um conjunto de textos, elaborados a partir de derivas feitas pelo Distrito Industrial do Jaguaré como um todo, incluindo a área residencial e a industrial.

O objetivo inicial destas derivas era o de confrontar a concepção deste urbanista, elaborada na década de 40, com o que víamos na atualidade.

O texto que vem a seguir foi o que se obteve como registro das derivas feitas exclusivamente nas favelas:

"A palavra favela possui uma unidade que não é real. A extensa Vila Nova Jaguaré, toda ela favela, guarda uma série de diferenças<sup>3</sup>, espaciais e temporais, que são achatadas na denominação utilizada por todos os que não moram ali, e que resumem a complexidade sob o nome favela. Entretanto, em uma conversa rápida com uma moradora, nomes de trechos, vielas, becos, morros, escadarias, vão se revelando, e todos eles possuem uma definição espacial e temporal claras, de conhecimento geral dos moradores. Assim, surgem a Viela da Gaivota, o Trecho do Finado Inácio, o Morro do Sabão, que mostram uma textura inexistente em mapas, fotos aéreas ou levantamentos estatísticos.

Existe um grande trecho de favela, que agrupa muitas moradias e vielas, e que possui como característica definidora se localizar em um lado de colina cortado, voltado para o rio Pinheiros, cujo solo foi utilizado para aterro, por ocasião da retificação deste rio. É possível notar que, em contraponto ao cuidado extremoso do urbanista Dumont Villares, em implantar seus lotes residenciais respeitando as curvas de nível, estas habitações não contam com as curvas de nível para a sua definição, especialmente porque essas foram estouradas no período do corte do solo. Essa inclinação acentuada redefine tudo e acrescenta à circulação interna do morro a tensão das subidas e descidas

intensas.

As ruas desenhadas em espinha de peixe, no bairro admitido, são substituídas na favela por caminhos definidos pelos barracos, conectados por becos e escadas. Ao contrário do loteamento do urbanista, alguns caminhos se posicionam perpendicularmente às supostas curvas de nível, acentuando suas inclinações. Um destes pontos ganhou o nome de Morro do Sabão. Como a marginal Pinheiros não possui grande circulação de transporte público, o acesso aos ônibus só pode ser feito por dentro do bairro admitido, por linhas especiais e raras, que circulem próximas às favelas. A circulação interna às favelas corresponde então ao pedestre e ao seu corpo, seus pés.

Esse tipo de implantação em curvas definida pelo urbanista contava com um recurso, denominado "faixa de servidão". Se tratava de um instrumento espacial e jurídico ao mesmo tempo, uma vez que uma faixa de terreno era estabelecida para passagem dos canos de esgoto da casa vizinha, mais alta, pelo lote da frente, mais baixo. Essa faixa era registrada em cartório, juntamente com o lote. As casas do morro não contam com esse recurso, e o esgoto gerado por quase toda a favela passa por baixo das habitações, ou divide o espaço com a circulação, e se concentra sob os barracos localizados no ponto mais baixo da colina, ao lado da marginal.

Nos trechos de favelas que ocuparam as linhas do trem<sup>4</sup>, outras condições são percebidas. Existe uma diferença clara entre os lugares onde o trem ainda passa e naqueles onde o trem já não passa há vinte anos. Com relação a este último caso, realizando as derivas nos deparamos com um ambiente cheio de especificidades, que remetem a uma luta antiga com o trem. Uma luta que, de tão intensa, continua a definir o espaço pela passagem do trem, que não se dá mais.

Entrando por um corredor coberto, cruzamos o ambiente doméstico das casas. As atividades da casa se completam fora dela. São quintais sucessivos, dispostos na frente das casas, de ambos os lados do trilho. Aquilo que,

nos lotes residenciais da parte projetada do bairro, se resumia em jardim posterior, casa no centro e quintal nos fundos, foi aqui subvertido.

Muitas casas possuem um segundo andar geminado ao segundo andar da casa do outro lado do trilho, criando grandes passagens cobertas, como se fossem pórticos construídos em profundidade. A separação entre lote - rua - lote, aqui não se dá, e uma terceira dimensão é incorporada às construções. Existe uma continuidade neste espaço, casa após casa<sup>5</sup>, que é unificada ainda mais pela música, pelas mulheres conversando e crianças brincando. É bom lembrar: o trem aqui não passa mais, mas o único espaço que não foi construído é o lugar de sua passagem, antigamente.

O trem não passar mais faz muita diferença. De muitas formas podemos perceber uma fixação do morador neste espaço - as reformas nas casas, as próprias casas. O churrasco, a barraca de pastel aos domingos...

Por outro lado, nos trechos onde o trem ainda circula, nada parece ser definitivo. Os esgotos são lançados nos trilhos, muitos barracos são de madeira. Como já dissemos, não existe aqui convívio com o trem, mas luta. Foi possível presenciar a passagem de um vagão, vazio, em um domingo. Neste momento, a circulação é interrompida, as mães colocam as crianças para dentro das casas. Entre os trilhos e as casas não existe espaço. Sair de um significa estar no outro.

A ocupação da linha do trem promoveu um corte em alguns grandes lotes industriais, ao mesmo tempo que costurou pontos que não possuíam ligação no projeto inicial. A urbanização redefiniu o que o urbanismo postulou. O mesmo vale para o movimento das mulheres e da igreja aí.

Foi possível observar que existem pequenas comunidades católicas espalhadas pela Vila Nova Jaguaré. Em contraposição à localização de uma igreja católica, central, em acrópole, estas comunidades não se diferenciam do restante das edificações. Apenas em um dia de procissão torna-se visível uma comunicação entre elas, igreja e comunidades, invisível em

qualquer mapeamento, ou em dias comuns. Comunicação do mesmo tipo é notada entre as mulheres. Entre elas, bairro e favela não significam exatamente separação, mas uma continuidade cheia de nuances, reveladas em maiores ou menores dificuldades de relacionamento da mulher com a família e o trabalho.

Assim, com a urbanização que redefine o Jaguaré, a formação da Vila Nova Jaguaré expõe as fissuras da concepção ao mesmo tempo em que indica a potência da propriedade privada no loteamento. Em quase todos os trechos que foram percorridos, foi impossível deixar de notar que as habitações se espremem ao lado de grandes lotes vazios. Esses lotes não possuem sistemas sofisticados de segurança. São apenas muros altos e vigias, na maioria das vezes trabalhando sozinhos. Não foi observada, entretanto, nenhuma invasão destas propriedades.

As derivas foram reveladoras porque, por meio delas, identificamos a favela no interstício do bairro, e como um desvio - em constante e intensa luta com a demarcação da propriedade privada reforçada naquele urbanismo<sup>6</sup>, em conflito com os usos incômodos e perigosos dados aos galpões industriais<sup>7</sup> deste loteamento, reconfigurando dimensões de lotes, habitações e ruas, ligadas agora não à ergonomia modernista, mas ao movimento do corpo”

A prática espacial que realizamos nos fez indagar sobre novas questões. É esse o ponto que queremos reforçar aqui, pois esta pesquisa de campo nos sugeriu novos caminhos de interpretação dentro de uma teoria mais geral.

Cada pequena subversão do uso previsto, no caso desta favela, acabou por constituir um todo de resistência. O desvio, instrumento tão caro aos situacionistas, pode ser visto como reinterpretação, pela sociedade, de códigos, aqui abordados pelo urbanismo, que modifiquem e submetam a sua vida. Esta resistência que se constitui espacialmente, é da vida, mas por meio do corpo, é espaço. Ganha atributos do espaço. Neste sentido, significa um campo diferencial, que se torna espaço diferencial, que, como tal, significa um espaço

de onde se dá um movimento de homogeneização e de resistência.

## VI- Novos caminhos de pesquisa

No contexto apresentado anteriormente, a *urbanização* da favela do Jaguaré se torna o nosso novo eixo de investigação. Nós não partimos da favela como *objeto de estudo*, nós chegamos a ela por meio do movimento entre a teoria e a prática da nossa pesquisa, especialmente porque ela se mostrou portadora de situações reveladoras das contradições presentes nesta sociedade.

Atualmente, nossos estudos revelam que a urbanização desta favela aparece inicialmente como *contrapartida* à elevação dos coeficientes construtivos, obtidos por meio de uma Operação Urbana denominada Vila Leopoldina, a ser realizada no entorno do Ceagesp. Apenas para localizar, a Vila Nova Jaguaré e o Ceagesp são vizinhos, cada um estando em uma das margens do rio Pinheiros. Esta urbanização também está inserida em um programa municipal de maior amplitude, de urbanização de outras favelas, que por sua vez está inserido em amplos programas de financiamento mundial para, dentre outras coisas, regularizar ou inserir estas habitações e populações nas estruturas de pagamento de impostos e participação de programas sociais urbanos.

O que esta relação de contrapartida pode significar neste contexto? Para os Situacionistas “as relações de troca e contrapartida estão localizadas em uma sociedade que raciocina sobre o cálculo, distanciando-se do mundo da exuberância e da festa. Além disso, aquilo que poderia aparentemente ser mostrado como dom, nesta sociedade, guarda em si uma relação de poder, de quem dá sobre quem recebe” (Vaneigem, 1987, p.79),

Assim, reurbanizar uma favela como contrapartida de uma operação urbana significa assegurar o poder do urbanismo sobre o que escapa dele, esconder uma relação de troca desigual sob a aparência da igualdade, ou ainda, esconder o que é um cálculo racional sob a aparência da dádiva.

Nos é aberto então um novo caminho de elucidação desta urbanização, e queremos retornar ao plano da vida cotidiana como plano de pesquisa. Acompanhando as reuniões entre a prefeitura e as comunidades existentes na favela foi possível perceber que o urbanismo continua se cristalizando como uma combinação de elementos abstratos, códigos urbanos que esvaziam a vida de seu conteúdo. Queremos entender agora como as novas reformas urbanas chegam na vida das pessoas.

Os primeiros sinais do que pode significar o projeto de reurbanização da favela para os moradores vêm como marcas nas paredes, feitas durante o levantamento das moradias da favela. As marcas feitas nas casas soam para os moradores como ameaça porque estes já percebem um movimento maior e sabem que o processo significa, mesmo, a expulsão.

O tumulto ocasionado no momento do cadastramento, nas reuniões, é atordoante. Não preencher uma ficha pode significar ficar de fora, não existir como morador naquele lugar. Abstração poderosa, que pode substituir o concreto, o real.

As diversas realidades, histórias de vida de um sem fim de migrantes, são transformadas em um banco de dados, utilizado pela prefeitura para definir a política de reurbanização. O conteúdo histórico e social, reunido por meio da migração, passa da qualidade para a quantidade.

Para os especialistas, urbanistas, geógrafos, sociólogos, os lotes não possuem definição, e as casas ocupam o terreno de forma caótica. Existe, entretanto, uma hierarquia de ocupação relacionada à reprodução da família, especialmente ligada às origens rurais das famílias, sendo que as primeiras casas se implantaram em terrenos grandes, e que os familiares foram chegando e construindo em volta da primeira casa. O movimento da reprodução da vida não cabe na estreita racionalização do lote.

A lógica do bairro, redefinida pela metrópole, deve ir entrando pouco a pouco na favela. A favela nunca foi considerada bairro, e

nesta relação se tornou *desvio*. Com a abertura de uma avenida, que ligará a favela ao bairro, o espaço constituído a partir do corpo deve ser reestruturado para o carro. Essa substituição adquire um caráter quase simbólico para alguns moradores, pois estes sabem que a largura desta avenida significará ou não a sua expulsão. Assim, morar a quase vinte anos em um lugar significa pouco perto da largura de uma calçada ou avenida.

As relações de vizinhança que os moradores possuem também são colocadas em cheque. Ser transferido dali significa perder relações constituídas em muitos anos e remete ao fato de que o espaço não é um elemento neutro na vida das pessoas. Não é só suporte da vida das pessoas, mas permeia e constitui relações sociais. Assim, uma reurbanização que supostamente quer "qualificar" o espaço pode eliminar exatamente este atributo que é inerente ao espaço.

A expulsão é a face mais sensível de generalização da propriedade privada na vida do morador da favela. Em outros níveis estão a transformação e a organização necessárias do modo de vida.

## V - Apontamentos finais

A partir destes novos questionamentos, que são de natureza teórica, acreditamos que a prática da deriva apresentada aqui precisa ser transformada. Como pretendemos que o plano da vida cotidiana se constitua neste trabalho de forma mais nítida, devemos acrescentar, por exemplo, entrevistas de *longa duração* ao procedimento das derivas. Os registros também deverão ganhar outras qualidades para que possamos abordar mais claramente o movimento da abstração pelo qual é submetido o conteúdo (histórico) existente na vida dos moradores desta favela. Outras fontes de pesquisa devem ser exploradas, tais como as audiências públicas. Estes são caminhos apenas apontados, sugeridos para o futuro desta pesquisa. Estão se constituindo, ao mesmo tempo em que formam uma pesquisa maior, de mestrado.

## Notas

- <sup>1</sup> A *psicogeografia* será abordada superficialmente neste texto porque, neste momento da pesquisa, este termo ainda não foi estudado teoricamente nos grupos de estudo, muito menos aprofundado praticamente.
- <sup>2</sup> Este grupo possuiu contato com *Crítica da Vida Cotidiana*, de Henri Lefebvre.
- <sup>3</sup> Essas diferenças puderam ser percebidas especialmente porque foram encontradas muitas vezes num único percurso, em um único dia. Diferentes histórias convivem em um mesmo tempo. A deriva nos coloca em contato com a simultaneidade.
- <sup>4</sup> Esse trechos foram estudados detalhadamente por Hellen Cristina Damaso, em seu TGI, denominado *Às margens dos trilhos do trem: a expansão da favelização no bairro do Jaguaré*, para conclusão do curso de Geografia. Muitas informações foram gentilmente cedidas por ela.
- <sup>5</sup> As casas, na sua maioria, possuem um pequeno saguão de entrada, que acumula funções e atividades, uma espécie de varanda fechada por grades. É uma característica muito presente e que chama a atenção. Faz pensar: separa e guarda certa privacidade. Ao mesmo tempo, é aberta, entra luz, vento. As crianças brincam neste espaço. É uma faixa da casa permissiva aos olhares estranhos, mas de uso do morador. É mista, transitória. É um trecho da habitação que define o espaço público, de circulação, e prepara o privado, da habitação.
- <sup>6</sup> Luta que muitas vezes se definiu corporalmente, como nos casos dos atropelamentos de pessoas pelos trens.
- <sup>7</sup> Como o caso da empresa de "tratamento" de lixo hospitalar, CAVO, ou o do maior heliporto da cidade, empreendimento da Bratke Collect.

## Bibliografia

- DAMIANI, Amélia L. "A propósito do espaço e do urbano: algumas hipóteses" *Revista Cidades*, v.1, Nº 1, 2004, p. 79-95.
- DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo, comentários sobre a sociedade do espetáculo*. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Ed. Contraponto, 1997. 237 p.
- HOME, Stewart. *Assalto à cultura, utopia, subversão e guerrilha na (anti) arte do século XX*. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 1999. 188 p.
- HUIZINGA, Johan. *Homo Ludens, o jogo como elemento da cultura*. São Paulo, 4ª edição, Ed. Perspectiva, 1993. 236 p.
- JACQUES, Paola B. (org). *Apologia da Deriva: escritos Situacionistas sobre a cidade*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003. 158 p.
- JAPPE, Anselm. *Guy Debord*. Petrópolis : Editora Vozes, 1999. 270 p.
- KAYSER, Bernard. "O Geógrafo e a Pesquisa de Campo" *Seleção de textos 11*. Co-edição AGB-SP/AGB nacional. São Paulo, 1985. p.25-40.
- LACOSTE, Yves. "A Pesquisa e o trabalho de Campo" *Seleção de textos 11*. Co-edição AGB-SP/AGB nacional. São Paulo, 1985. p.01-23.
- LEFEBVRE, Henri. *A vida cotidiana no mundo moderno*. São Paulo: Editora Ática, 1991, 216 p.
- LEFEBVRE, Henri. *La production de l'espace*. Paris: Éditions anthropos, 1974, 485 p.
- LUKÁCS, George. *História e Consciência de Classe, estudos sobre a dialética Marxista*. São Paulo: Martins Fontes, 2003, 594 p.
- MARX, Karl. "Manuscritos econômico-filosóficos" In: Erich Fromm. *Marx y su concepto del hombre*. México: Fondo de Cultura Económica, 1998. 269 p.
- RACINE, Jean-Bernard *De la géographie théorique à la révolution: William Bunge*. Hérodote, nº.4, 1976, p.79-90.

SEABRA, Odette. "Pensando o processo de valorização e a geografia" *Boletim Paulista de Geografia*, nº 66, 1º semestre de 1988. p. 97-104.

TRICART, Jean. "O Campo na Dialética da Geografia. In: DRESCH, Jean. *Reflexões sobre a geografia*. São Paulo: Edições AGB. 1980, p.97-119.

VANEIGEM, Raoul. *A arte de Viver para a geração nova*. Lisboa: Editora Afrontamento, 1980. 297 p.

VILLARES, Henrique Dumont. *Urbanismo e Indústria em São Paulo*. 1ª edição. São Paulo: Empresa Gráfica da Revista dos Tribunais, 1946. 272 p.

